

COSTA, António Firmino da, *Sociologia* (Colecção "O Que É"), Lisboa, Difusão Cultural, 1992.

Certamente a esmagadora maioria dos leitores teve já oportunidade de ler a obra que aqui nos ocupa. Não tem, pois, grande utilidade uma nova apresentação. Mas não deixa de ser interessante reflectir, ainda que de forma sumária, acerca de alguns dos problemas que coloca ou sugere.

Um primeiro refere-se ao contexto do surgimento da obra. É significativo que uma nova editora tenha incluído a sociologia entre os primeiros temas de um publicitado e importante plano de publicações. A sociologia já passou, em Portugal, a fase da invenção — marcada por obras como as "Questões Preliminares" de Sedas Nunes — e o mais difícil da fase de afirmação — a qual teve também algumas publicações simbólicas como as primeiras "metodologias" e os livros de referência teórica, metodológica e empírica que resultaram dos primeiros doutoramentos. Esta nova obra pode bem ser o anúncio da "maturidade" da sociologia em Portugal. Agora também já se podem escrever bons livros de introdução e divulgação massiva da sociologia em português.

Neste caso, isso é feito de forma que torna possíveis vários níveis de leitura. O livro parece escrito em simultâneo para o curioso que apenas quer saber de que assuntos anda a sociologia a falar e o que diz desses assuntos, para o especialista que pode servir-se da obra como uma espécie de guia temático e teórico ou que se pode confrontar com as posições teóricas e epistemológicas subjacentes à estrutura do livro, ou para o estudante que pretende compreender em que consiste o olhar sociológico e tomar um primeiro contacto com os conceitos, os autores e as problemáticas da disciplina, cuja abrangência não é limitada por preferências paradigmáticas, metodológicas ou temáticas.

Um segundo eixo de debate resulta da estratégia do discurso do livro. Ela assenta na ideia de que não se explica o que é a sociologia definindo-a, mas sim mostrando-a em acção e revelando-lhe os enunciados principais. Quer dizer, a definição da sociologia não envolve apenas questões de ordem metodológica e epistemológica, como tantas vezes se vê em manuais e introduções das mais diversas proveniências. Ela implica que a metodologia e a epistemologia sejam permanentemente cruzadas com as teorias substantivas, os conceitos e as questões a que a disciplina responde. É isso que se faz ao longo dos cinco capítulos, o primeiro e o último dos quais — com os títulos de "Sociologia: Perguntas e Respostas" e "Sociologia e Sociedade" — partindo mais dos problemas epistemológicos e metodológicos e os três intermédios — "Regularidades e Singularidades Sociais", "Cultura e Relações Sociais" e "Estrutura e Acção" — partindo dos grandes eixos de problematização teórica em torno dos quais se articulam os debates e desenvolvimentos mais actuais da disciplina e que configuram a ultrapassagem de velhos fechamentos paradigmáticos por novas e mais fecundas formas de acumulação e articulação de conhecimentos. Mas uns e outros convergindo na enunciação substantiva desses conhecimentos nas suas vertentes epistemológicas, teóricas, empíricas e operatórias.

A unidade de perspectiva e o património científico acumulado pela sociologia, bem como a sua pluralidade paradigmática, metodológica e teórica estão na base da lógica expositiva que, em cada capítulo, começa com a apresentação de uma grande área de problematização teórica — que o título identifica —, a qual é exemplificada através da apresentação de diversos temas, a propósito dos quais se apresentam conceitos, pro-

blemáticas, descobertas, teorias — clássicas e modernas — e processos de observação, pesquisa e trabalho. Este procedimento, para além de permitir um balanço do “estado da arte”, prolonga posições cada vez mais predominantes na sociologia moderna e, principalmente, permite ao leitor leigo a familiarização com a linguagem sociológica, tornando-a menos estranha para o actor comum.

Para os iniciados, arrisco a ideia de que, apesar das omissões que as 120 páginas implicam, fica a prova de que a sociologia é uma disciplina científica com um notável património acumulado e dotada de robusta coerência. Sem isso não seria possível a referência a percursos e clássicos da sociologia como Marx, Comte, Spencer, Durkheim, Max Weber, Georg Simmel, George Mead, Talcott Parsons, Alfred Schütz, Erving Goffman e Robert K. Merton, sem os opôr, mas antes vendo como também se completam e articulam. Nem ver como a disciplina que criaram, bem como as referidas articulações e complementaridades, se prolonga em autores mais recentes como Norbert Elias, Peter Berger, Pierre Bourdieu, Anthony Giddens, Niklas Luhmann, Jurgen Habermas, Raymond Boudon, Michel Crozier, Ralf Dahrendorf, Alain Touraine ou Francesco Alberoni.

Por sua vez, a maturidade da disciplina em Portugal fica patente pela referência aos mais de 50 investigadores nacionais (mencionados a título meramente exemplificativo de uma capacidade instalada e com provas dadas que de longe os transcende), que têm vindo a utilizar de forma criadora a teoria e o método sociológico para a produção de conhecimentos sobre realidades como o insucesso escolar e a escola, o suicídio, o método biográfico, as especificidades dos padrões de desenvolvimento da sociedade portuguesa, as minorias étnicas e o processo de constituição de identidades colectivas e suas relações com as posições, as estratégias e a acção social, a articulação entre interesse e cultura, a família, os processos de mobilidade social,

as classes sociais, comunicação de massas e opinião pública, o estado e as autarquias, o desenvolvimento local, estruturas fundiárias e sistemas de agricultura, a penetração da indústria nos campos, a urbanização e os seus contornos, os intelectuais, os militares e os seus papéis, o associativismo popular, a informática e a sua expansão, a economia subterrânea, as culturas populares, as culturas profissionais, a transformação dos meios rurais, entre outras. Se lhes juntarmos questões como a da perspectiva sociológica, do objecto e método da sociologia, dos seus instrumentos, das suas práticas sociais, científicas e profissionais, da sua história, das suas instituições, da sua posição no campo dos saberes, e ainda outras mais substantivas, como as das características da modernidade, do Estado moderno e da civilização dos costumes, dos processos de construção e mudança da sociedade e das instituições, dos sistemas sociais e dos movimentos sociais, do ritual, da interacção face a face, das sociabilidades e da vida quotidiana, dos protagonismos e sistemas de diferenças sociais, igualmente abordadas, ficaremos com uma ideia da riqueza da sociologia, de que o autor procura dar conta.

Pelo caminho, vai-se mostrando como a produção sociológica realizada em Portugal se articula, no plano dos problemas e no plano conceptual, com os desenvolvimentos mais globais da disciplina, e vai-se introduzindo, de forma relativamente acessível e atraente mas rigorosa, um conjunto de conceitos, problemáticas, teorias, descobertas e interrogações cuja enunciação não cabe aqui, mas de cujo elevado nível de exaustividade e sistematicidade fica nota.

Certamente a obra poderia conter outros exemplos, referir-se a outras pesquisas sobre a sociedade portuguesa ilustrativas das problemáticas abordadas ou abrir para outras áreas teóricas e temáticas. A sociologia é suficientemente rica para que isso fosse possível e em Portugal desenvolveu-se de forma a permitir aquelas ilustrações. Tal-

vez até as eventuais omissões sejam ou venham a ser os principais motivos para críticas ao livro. Mas a exaustão enciclopédica é muitas vezes inimiga da clareza expositiva e da sugestão apelativa. Impunha-se fazer escolhas e opções, e essas só podem ser avaliadas em função do resultado final. Esse parece feliz: o livro é capaz de divulgar a sociologia ao grande público e simultaneamente fazê-lo respeitando a complexidade temática, a riqueza teórica e o rigor conceptual, de forma que um qualquer especialista surumbático possa voltar a ser atraído pelo pazer de praticar a sua disciplina.

Por fim, podemos ainda debater a forma escolhida para servir a sociologia ao grande público de não especialistas. Da eficácia

da estratégia adoptada o futuro nos dirá. Mas em função dos ecos recebidos no meu círculo de relações mais íntimas, não me custa diagnosticar um futuro de bem maior compreensão para o meu próprio trabalho, que será daqui para a frente bem menos perturbado pela incómoda pergunta "afinal, o que isso da sociologia?". Não garanto que ela desapareça, mas creio que passará a ser motivada menos pela atracção do exótico e mais pela curiosidade sectorial com desejo de clarificação e aprofundamento. Certamente, será marcada por uma consciência sociológica aumentada.

Luís Manuel Antunes Capucha